

AS FILOSOFIAS NEGRO AFRICANAS COMO ARQUIPÉLAGOS DE LIBERTAÇÃO¹

THE AFRICAN BLACK PHILOSOPHIES AS LIBERATION ARCHIPELAGS

Luís Carlos Ferreira

Universidade Federal da Bahia (UFBA)
lcarlosfsantos@gmail.com

Eduardo David de Oliveira

Universidade Federal da Bahia (UFBA)
afroduda@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4321>

¹ Bolsista de doutoramento financiado pela Capes.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o arquipélago da libertação como uma das paisagens para acessar as filosofias negro-africanas. Neste caso específico, com o recorte da filosofia do moçambicano Severino Elias Ngoenha, desde a leitura do “Paradigma liberdade”, e com a perspectiva do arquipélago em diálogo com o martinicano Édouard Glissant.

Palavra chave: Filosofias negro africanas; Arquipélago da libertação; Paradigma liberdade; Paisagem.

ABSTRACT

The present work aims to understand the archipelago of liberation as one of the landscapes to access black African philosophies, in this specific case, with the clipping of the philosophy of Mozambican Severino Elias Ngoenha, since reading the "Freedom Paradigm" and with the perspective of the archipelago in dialogue with Martinique Édouard Glissant.

Key words: African black philosophies; Archipelago of liberation; Freedom Paradigm; Landscape.

*“O gosto da liberdade sentido, cravado no peito
correr, sentir os campos ter a vida”²*

² LIMEIRA, José Carlos. *Quilombos*. In: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/784-jose-carlos-limeira-quilombos>. Acesso em: 22/10/2018.

INTRODUÇÃO

A discussão acerca das filosofias negro africanas em território brasileiro, neste momento, parece mais do que necessário, é urgente. O sofrimento, a opressão e a legitimidade de matar continua sendo uma mentalidade neste território. A supressão da liberdade e a generalização da violência é uma constante para os afrodescendentes. Por isso, a liberdade é uma das grandes questões a serem debatidas no Brasil. A supressão da liberdade é um problema de uma cultura política do território brasileiro.

O artigo pretende argumentar que a Filosofia negro africana, no diálogo das produções filosóficas do moçambicano Severino Elias Ngoenha, e a filosofia da diáspora, do caribenho Édouard Glissant, possuem uma caminho em comum comum: a busca por liberdade. Portanto, o texto intitulado *A filosofia negro africana³ como arquipélago de libertação* intenta defender que tanto as filosofias do continente quanto as dos arquipélagos buscam a liberdade.

O objeto de reflexão deste artigo se dá no diálogo do que se chama de “paradigma liberdade” e arquipélagos de libertação. Para isso, como dito anteriormente, constrói o debate das reflexões do filósofo moçambicano Severino Ngoenha⁴ e do filopoeta Édouard Glissant, o qual contrabandeamos o conceito de arquipélago.

A busca por liberdade é a unidade da diversidade das filosofias negro africana.

Uma das imagens que contextualiza o acontecimento da luta por liberdade é a passagem que Glissant apresenta no livro *Poética da Relação*. De acordo com o caribenho:

A experiência do abismo está no abismo e fora dele. Tormento daqueles que nunca saíram do abismo: que passaram diretamente do ventre do navio negreiro para o ventre violeta dos fundos do mar. Mas a sua provação não morreu, vivificou-se nesse contínuo-descontínuo: o pânico do país novo, a saudade da terra perdida, e por fim a aliança com a terra imposta, sofrida, redimida. A memória não sabida do abismo serviu de lodo para essas metamorfoses⁵.

A citação chama atenção para a condição imposta pelo crime histórico da escravidão. A experiência do abismo e “daqueles que nunca saíram do abismo”. A violência a qual os negros africanos foram submetidos na travessia criminosa torna evidente na história o sofrimento, a opressão e a condenação. A permanência da cultura da política de morte⁶ “está no abismo e fora dele”.

³ A discussão da filosofia negro africana está em diálogo com o filósofo camaronês Marcien Towa.

⁴ (NGOENHA, Severino, 2014)

⁵ GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Portugal: Porto Editora, 2011, p. 19.

⁶ Alusão ao conceito necropolítica cunhado por Achille Mbembe

A chegada na “terra alheia” tem um duplo movimento: a construção da relação de aliança com a terra nova e “a saudade da terra perdida.” Portanto, a saudade da terra perdida é o leitmotiv da necessidade de articular a filosofia negro africana, em sua diversidade, na aliança ancestral de arquipélagos de libertação em territórios da diáspora. A busca por liberdade é uma condição a priori do afrodescendente.

Por menos que conte a história.
 Não te esqueço meu povo.
 Se Palmares não vive mais
 Faremos Palmares de novo⁷.

1. Arquipélago de Libertação

O conceito de arquipélago que será agenciado neste artigo está em consonância como o filopoeta Édouard Glissant concebe. Ele é um autor que percorre as circunstâncias do mundo. E o que interessa para disputa por liberdades é o agenciamento e a relação com os acontecimentos do mundo. Mas o relacionamento com todo-mundo se dá a partir dos arquipélagos, e neste aspecto acompanho Glissant.

O arquipélago marca a perspectiva do diverso em sua disputa pela criação dos imaginários. As perspectivas filosóficas africanas serão tomadas neste texto como arquipélagos. Entretanto, precisaremos compreender como o arquipélago é agenciado.

O arquipélago não tem a perspectiva de sínteses impostas como o continente, ele não é uma ilha, mas um conjunto de ilhas. O arquipélago diferencia-se do conceito de continente e de ilha. Um outro aspecto importante que os arquipélagos carregam, são as paisagens que trazem consigo. As paisagens são como categorias do sendo, conduz para além de si-mesmo, carregam seus territórios e as territorialidades. A paisagem fundamenta a diversidade.

Neste aspecto, a paisagem é uma categoria de importância no pensamento de Glissant. É o contexto de sua produção, seja a Martinica (seu país natal) ou a francesa⁸. A paisagem é utilizada na linguagem do autor como uma maneira de criar a alteridade através da natureza possibilitando alcançar a liberdade. É, portanto, o caminho para relacionar-se com o todo-mundo, aquela que possibilita o reconectar-se com a natureza. E isso se dar desde os arquipélagos.

A discussão do pensamento arquipélago tem sua contraposição estabelecida pelo pensamento continente, que possui apenas uma paisagem como imagem. O “pensamento

⁷ LIMEIRA, José Carlos. *Quilombos*. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/atores/11-textos-dos-autores/784-jose-carlos-limeira-quilombos>. Acesso em: 22/10/2018.

⁸ Tal reflexão aparece também no livro *Soleil de la Conscience* (2015)

continental, que desvela em diásporas os esplendores do Uno. Pensamento arquipelágico, onde se concentra a infinita variação da diversidade. Mas a aliança entre eles está ainda por vir”.⁹

O pensamento de continente fundamentou a violência monocolonial e a perpetuação da legitimidade da ausência de liberdade. O pensamento arquipélago instaura o desejo da diversidade, porque tem a liberdade como horizonte.

Um dos conceitos que pavimenta o movimento do arquipélago é o de paisagem. A paisagem é o imaginário do lugar. A paisagem é simbólica e material, é o leitmotiv para a produção de imaginário. A paisagem é o que se tem de primeiro no acesso do arquipélago. Ela mobiliza para processos de libertação. Entretanto, ela também pode ser totalitária e contribuir para aniquilar desejos e diferenças. Portanto, é um projeto ético-estético, que precisa estar em aliança.

Os arquipélagos são lugares que se encontram por meio de múltiplas territorialidades, se interconectam sem a necessidade de códigos. São compostos de imaginários que atravessaram os oceanos. E esta multiplicidade de imaginários corresponde ao tremor imprevisível do todo-o-mundo. O diverso dos imaginários é um convite ao infinito dos arquipélagos.

O pensamento do arquipélago é engajado na diversidade originária, na crítica a genealogia e na multiplicidade comum. Glissant deslocou a perspectiva conceitual da ontologia da identidade. A ontologia da relação agora é a política do futuro, no pensamento de Glissant. E o arquipélago é fundamental para este entendimento, uma vez que ele não é simplesmente o espaço, pois primeiro é imaginário. Por isso, que o entendimento do arquipélago se dá com a paisagem.

As paisagens caracterizam a geopoética, uma poética do lugar. A cultura como localização que singulariza o lugar e possibilita o diálogo com o todo-mundo. No arquipélago está presente a discussão do território e do espaço.

O espaço da Martinica, assim como o brasileiro, é constituído de territórios. E, neste sentido, a produção filosófica, desde o arquipélago, consiste em inventar um povo que falta. A invenção do povo é a morada da utopia. A invenção difere da criação, “na medida em que ela acrescenta ao criado uma intenção manifesta, um verdadeiro prolongamento de natureza, de certa forma um futuro incluído no presente”¹⁰. O povo inventado é sempre um devir povo. E esta invenção é o que falta à totalidade-mundo. O arquipélago é uma das possibilidades de diálogo com o todo-o-mundo, por ser um espaço constituído de narrativas, histórias e culturas. O arquipélago

⁹ GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor. La cohée du Lamentin*. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014, p.219).

¹⁰ GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor. La cohée du Lamentin*. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014, p.135.

instaura a relação.

A relação não é sinônima de diluição. O todo-mundo é o lugar da relação entre as zonas de vizinhanças, esta é um estado permanente e indiferenciado. A vizinhança é o lugar indefectível, ou incontornável e aberto e a zona é um “campo vibrante de imantação”¹¹. O todo-o-mundo é “essa abertura, de lugar em lugar, todos igualmente legitimados, e cada um deles em vida e conexão com todos os outros, e nenhum deles redutível ao que quer que seja, é o que informa o Todo-o-Mundo”¹².

Portanto, o todo-o-mundo é realizado a partir dos arquipélagos. E com a relação entre estes conjuntos de ilhas se dar a metáfora do todo-o-mundo, mas sem reduzir o outro ao si-mesmo. A liberdade, neste aspecto, é simplesmente inseparável da configuração do que Glissant chama de relação. Pois esta é a morada da liberdade. É na relação que acontece a criouliização, o que seria o caos-mundo, a morada do que é imprevisível. E esta relação é a liberdade, porque é onde acontecem outras formas de vida.

2. Paradigma liberdade

Iniciaremos nossa aventura neste tópico com a hipótese de que a filosofia negro africana apresenta como ponto comum a busca por liberdade. Neste sentido, compreendemos que o paradigma liberdade é um arquipélago. Ou seja, uma paisagem a qual disputamos imaginários na guerra da política de morte. O arquipélago da libertação é a disputa por imaginários.

A leitura que o filósofo Severino Elias Ngoenha¹³ nos apresenta segue diretamente preocupado com o seu território: pela busca da liberdade.

O tema da liberdade é um paradigma importante na leitura crítica de Severino Ngoenha. O moçambicano dialoga tanto com o pensamento negro da diáspora quanto com a filosofia africana, recuperando esta univocidade: a liberdade. De acordo com Ngoenha¹⁴:

A nível de África, não se foge muito a esta regra. Os primeiros intelectuais africanos são militantes pelas causas da liberdade dos próprios povos, e por conseguinte, contrários aos poderes estabelecidos (Azikiwé, Nkrumah, Mondlane, Senghor, C.A. Diop, Cabral, Neto, Nyerere).

¹¹ GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor. La cohée du Lamentin*. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014, p.136.

¹² GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor. La cohée du Lamentin*. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014, p.136.

¹³ NGOENHA, Severino. *Os tempos da filosofia. Filosofia e democracia moçambicana*. Imprensa Universitária, UEM, Maputo, Moçambique, 2004.

¹⁴ (NGOENHA, Severino, 2004, p.64)

Os pensadores africanos assim como os pan-africanistas, aqueles que não foram seduzidos, tem a busca pela liberdade como luta política contra a lógica do colonialismo. E outros movimentos políticos e culturais pautam a liberdade como busca necessária: o *Harlem Renaissance*, *Légitime Défense*, a negritude.

Neste sentido, caminhamos no entendimento de que a univocidade filosófica do pensamento negro da diáspora como africano é o paradigma liberdade. Primeiro, a luta pela existência, a disputa da saída do “não-ser” da história; depois, do abismo da não humanidade, a luta pela superação do abismo da opressão e da condenação (i)legítima do Estado. A experiência do abismo coloca os negros da diáspora e os africanos na busca por liberdade. Segundo Ngoenha¹⁵:

O substrato filosófico do pensamento africano é, sem dúvida, a busca da liberdade, devido à situação categorial oprimido/escravo/colonizado/subdesenvolvido na qual os povos africanos se encontram a seguir ao encontro/choque com o ocidente. Estas buscas tomam formas diferentes segundo as épocas, os períodos históricos e os lugares geográficos.

É importante evidenciar esse duplo movimento realizado por Ngoenha, entre o diálogo do pensamento africano, este mais abrangente, porque dialoga com o território africano e para além dele, e a filosofia africana. O moçambicano faz uma ressalva nesta obra publicada em 2004, acerca, do que ele chama da involução da filosofia africana em relação ao pensamento africano. Em diálogo com Ngoenha¹⁶:

Todavia, a filosofia moçambicana inscreve-se necessariamente no quadro geral da filosofia africana, sobretudo pela natureza comum dos problemas que nos ocupam. Não quero dizer que as problemáticas da etnofilosofia, da filosofia crítica ou da hermenêutica, tenham alguma coisa a ver com as preocupações que impregnam a filosofia moçambicana. Aliás, penso mesmo que o debate actual da filosofia africana representa um momento de involução na história do pensamento africano. Penso mesmo que a filosofia africana não está à altura do debate do pensamento africano que é muito mais antigo e muito mais profundo. O facto de não nos identificarmos com a esclerose do debate que gravita à volta da sua própria existência não implica não identificarmos a nossa busca, a nossa contextualidade com a problemática geral que está na génese do pensamento africano, do qual, finalmente, a filosofia africana é um derivado.

¹⁵ NGOENHA, Severino. *Os tempos da filosofia*. Filosofia e democracia moçambicana. Imprensa Universitária, UEM, Maputo, Moçambique, 2004, p.74.

¹⁶ NGOENHA, Severino. *Os tempos da filosofia*. Filosofia e democracia moçambicana. Imprensa Universitária, UEM, Maputo, Moçambique, 2004, p. 74.

Embora o moçambicano encontre distinções entre o pensamento africano com a filosofia africana, e as próprias diferenças por dentro do pensamento africano e nas filosofias africanas, existe um ponto em comum: a busca por liberdade.

A discussão em torno da filosofia africana compreendida por Ngoenha tem a luta pela independência e a busca pela liberdade¹⁷. Ngoenha inscreve o debate do filósofo com a necessidade de responder suas questões. E o problema enfrentado pelo moçambicano no livro *Filosofia Africana: das independências às liberdades* é o sentido que a população moçambicana precisará produzir com o país independente. Após as independências africanas é necessário disputar as liberdades políticas. Como diz o moçambicano: “Cada época, cada civilização e cada geração define um objetivo que, a seus olhos, constitui a sua própria contribuição para a história dos homens.”¹⁸

O moçambicano interroga o lugar da filosofia na produção do futuro moçambicano, diante da complexidade do tempo. Não é que o passado não o interesse, mas ele traz o futuro como preocupação do filósofo.

Na travessia reflexiva da filosofia africana, o paradigma liberdade movimenta os fluxos e refluxos políticos e epistemológicos das tensões das correntes. Um dos elementos que Ngoenha questiona no tópico Historicidade e etnicidade¹⁹ é o da filosofia africana como um discurso étnico. O universal é pensado de maneira contextualizada. Cada sujeito do seu lugar, a partir de suas precariedades, pode pensar o universal. E isto é uma condição válida para todas as culturas, entretanto, “porque é que nosso discurso filosófico é etnológico?”²⁰, ele questiona. A filosofia europeia aparece como aquela que é universal, enquanto a filosofia africana é étnica, contextual. Neste sentido, Ngoenha questiona o estatuto político e epistemológico de que os africanos não têm a possibilidade para pensar o universal.

O filósofo moçambicano busca o diálogo com as representações criadas pela Europa acerca do continente africano, desde o século XVI, na construção do “selvagem”, do “não civilizado”. A produção da alteridade tem seu desenvolvimento construído de maneira mais negativa com o fortalecimento das teorias do evolucionismo aonde fortalece uma alteridade fabricada pela etnologia europeia como irracional, primitiva e atrasada. Em contrapartida, o ocidente é racional, desenvolvido e civilizado. Ngoenha, neste sentido, desloca a perspectiva de leitura ao iniciar a

¹⁷NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014. O livro apresenta uma perspectiva de luta de liberdade política.

¹⁸NGOENHA, Severino. *Os tempos da filosofia*. Filosofia e democracia moçambicana. Imprensa Universitária, UEM, Maputo, Moçambique, 2004, p. 74.

¹⁹NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p.13.

²⁰NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p.13.

discussão da filosofia africana a partir da crítica a etnofilosofia, neste caso com a *Filosofia Bantu* de Placide Tempels. Segundo Ngoenha²¹:

Para a Europa “civilizada”, o chamado Novo Mundo é um outro mundo: costumes selvagens, sem religião, espírito degradado. Os povos não têm escrita, não têm arquivos, não têm Estado. Eles não pertencem, portanto, ao mundo histórico em todas as suas formas: moral, civil e política. Os povos com escrita revelam com toda a nobreza o território da história, os selvagens serão objetos dos etnólogos. As sociedades estudadas pela etnologia são definidas, portanto, pela negativa, por aquilo que não têm. Elas não possuem nem história, nem verdade e nem Estado. O que é característico das sociedades estudadas pela etnologia é a sua imperfeição.

Ngoenha defende que as razões que situaram as civilizações africanas para o não-ser foram produzidas pela empresa colonialista da etnologia. A violência do discurso da retirada dos africanos da categoria de humano é marcada pela herança da ideia - categoria trabalhada por Tsenay Serequeberhan²². Neste aspecto, caminha-se com a reflexão que a base que empurrou as civilizações não europeias para fora do “todo-mundo” segue um caminho epistemológico entrelaçado com a estética com desdobramento ético.

Neste sentido, as filosofias africanas apresentam de maneira diversa, a disputa pela liberdade, isto é o restabelecimento da vida. O filósofo moçambicano traz em sua reflexão as diversas perspectivas que caracterizam as filosofias africanas. Ngoenha considera que os movimentos instaurados na diáspora, como o pan-africanismo, são definidores para a construção política dos africanos. A África na era das ideologias políticas é pontuada pelo filósofo moçambicano pelo marcador político do movimento empreendido por Du Bois, Garvey e Price-Mars. Ngoenha dialoga com perspectivas ideológicas forjadas fora do território africano, mas que foi fundamental para a construção política em África. A negritude, assim como o Panafricanismo é um exemplo desta natureza. Ngoenha afirma: “A negritude, movimento de protesto contra a submissão do negro, surge a partir de uma viragem particular da história europeia, caracterizada entre outros, pelo princípio do relativismo cultural²³.”

Tais perspectivas construídas na experiência da diáspora africana estão em contraposição ao projeto europeu moderno de legitimação do colonialismo. A etnologia é debatida pelo moçambicano para evidenciar a construção da tentativa do domínio cultural europeu em relação

²¹ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p.15.

²² SEREQUEBERHAN, Tsenay. *Our Heritage*. The past in the presente of african-american and african existence. EUA: Rowman & Littlefel publishers, INC, 2000.

²³ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p.58-59.

ao continente africano. Segundo Ngoenha²⁴:

A nova escola etnológica falava, com mais objetividade, dos povos ditos primitivos e valorizava o passado africano até então considerado sem interesse. À luz destas obras, se dissipavam as taras que os povos africanos suportavam desde há muitos séculos: povos sem história, mentalidade primitiva, idolatria, feiticismo, etc. Sob o impulso das novas descobertas etnológicas, até mesmo Lévi-Bruhl se viu obrigado a retificar as suas afirmações precedentes e a admitir, nos seus Cahiers de 1938, que não existem diferenças qualitativas entre a mentalidade primitiva e a mentalidade dos povos desenvolvidos.

Ngoenha²⁵ apresenta a etnologia e sua diversidade de perspectivas políticas. Mas o que apresenta como síntese que colocam as perspectivas etnológicas no lugar comum é o entendimento do bom selvagem, sem história e feiticismo. A mentalidade construída pela empresa colonial é o contexto de crítica para aquilo que vem a ser denominada de filosofias africanas. Os discursos produzidos pelos negros na diáspora seguem no fluxo de crítica a persistência da violência. A África mítica reinventada por Du Bois, por exemplo, como o filósofo moçambicano sinaliza, é a expressão da busca de liberdade do negro. Segundo Ngoenha²⁶

[...] Du Bois criava o mito da África ancestral, como uma civilização esplêndida e fechada nela mesma, um universo autossuficiente, criador primogênito de civilização. Uma África mítica, remota, um simples meio, no fundo, para devolver, orgulho e iniciativa negro humilhado esvaziado.

O filósofo moçambicano entende que as vozes produzidas na diáspora interferem na produção filosófica africana. Ngoenha traça um plano que vai da etnologia à hermenêutica para esboçar a multiplicidade do que se entenderia como perspectivas que atravessam a filosofia africana. Ele compreende que as filosofias africanas não têm sua origem marcada pela etnofilosofia, com o belga Placide Tempels, mas como eventos foram agenciados fora do território africano. Segundo Ngoenha²⁷:

Edward Wilmont Blyden, personagem de grande importância para a cultura negra do século XIX, pode ser considerado pai do pensamento político africano. O ponto de partida de Blyden, como para os escritores da negritude, será a procura de um passado sobre o qual fundar a própria dignidade humana. Com as suas obras queria provar que a raça negra tinha uma história e uma cultura das quais podia orgulhar-se.

²⁴ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p. 58.

²⁵ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014.

²⁶ (NGOENHA, 2014, p.61 e 62)

²⁷ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p. 71.

A personalidade africana é um movimento que defende a ideia de que a Europa não pode continuar a ser o centro do pensamento e da cultura. Tendo em vista as defesas de reposicionamento histórico e ontológico acerca da África e dos africanos que despontam as leituras em defesa da humanidade do negro, a exemplo da etnofilosofia de Placide Temples, com a *Filosofia Bantu*. “A filosofia bantu de Tempels pretende ser uma crítica à teoria do “pré-logismo” de Lévy-Bruhl²⁸”.

O belga Placide Tempels tinha como compromisso político manter a política de colonização, civilizar o negro. Entretanto, considerou que existia uma filosofia do negro, mesmo que diferente no conteúdo e na forma da filosofia europeia. A filosofia bantu não se considerava um pensamento pré-lógico, como defendia Lévy-Bruhl. Já Tempels defendia uma lógica presente no pensamento bantu, mesmo que uma logicidade menor.

No caminho filosófico de Tempels, segue Alexis Kagame com *A Filosofia bantu-ruandesa do Ser*. Kagame é lido pelos críticos como aquele que não reduziu a cultura bantu, pois “a sua reflexão vai desenvolver-se a partir de uma língua particular: kinyarwanda²⁹”. Todavia, tanto Tempels quanto Kagame são lidos como aqueles que iniciaram a corrente de pensamento denominada de etnofilosofia, sendo o último considerado por alguns filósofos africanos como o pai dessa corrente.

Os chamados filósofos críticos da corrente de pensamento filosófico africano seguem no fluxo da crítica à etnofilosofia pelo fato desta não ser uma filosofia individual, mas um pensamento coletivo. De acordo com Ngoenha³⁰:

Este tipo de filosofia não teria, segundo os filósofos-críticos, o caráter pessoal que toda a investigação filosófica deve comportar. Para a corrente crítica, existe filosofia simplesmente onde existem filósofos individuais, e ser filósofo significa lançar-se pela via da procura livre e permanente da verdade, verdade que deve ser expressa e não completada.

Os três nomes de destaque dessa corrente crítica são: Paulin Hountondji, Eboussi Boulaga e Marcien Towa. A filosofia africana seria uma forma de literatura filosófica africana. Não seria um pensamento espontâneo, mas uma perspectiva de pensamento capaz de gerar “um arquivo”³¹. A ideia do arquivo gera a possibilidade da crítica. É a hermenêutica como um ponto que aparece no cenário discursivo dos filósofos críticos africanos, a disputa pela interpretação.

²⁸ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p. 87.

²⁹ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p. 89.

³⁰ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p. 95.

³¹ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p. 97.

A filosofia como exercício crítico desenvolve-se desde as paisagens africanas. Os filósofos africanos, neste caso Hountondji, defende que a filosofia é um conjunto de textos produzidos por africanos. Neste sentido, a construção de um discurso na história do pensamento contribuiria para a crítica que se tem na etnologia, por exemplo, da defesa de que a civilização africana é constituída de uma sociedade sem história.

O que a filosofia crítica traz como reflexão é a existência de filósofos africanos para a construção da filosofia africana. E esta questão é importante para a disputa do paradigma liberdade no entendimento das filosofias negro africanas. A disputa pela existência negro africana é algo que atravessa a perspectiva ontológica, juntamente com a ética e com desdobramento político.

Na etnofilosofia o que existe é uma visão comum do mundo, não haveria espaço para crítica, na visão dos críticos da etnofilosofia. É importante ressaltar que este debate remete às décadas de 1960 e 1970, momento em que os países africanos estão lutando pelo processo de libertação. Os próprios autores que fizeram uma leitura afastada da cultura naquela época, na contemporaneidade, suas produções apresentam perspectivas que dialogam com a cultura de maneira mais criativa, na relação da política com a cultura, a exemplo de Paulin Hountondji.

Os filósofos críticos tiveram como utopia o processo de libertação, neste aspecto “o primeiro caminho que a filosofia africana deve percorrer é um itinerário crítico, metódico e dialético em direção à conquista de nós mesmos”³². É importante ressaltar que a disputa pela liberdade política é o caminho dos filósofos, ativistas e intelectuais na busca pela liberdade civil. A luta por independência vem seguida da luta por liberdade política.

O filósofo moçambicano defende que parta do seu local, neste caso Moçambique, dialogue com as tradições, mas que não recaia no etnologismo. Ngoenha defende ainda a utilização da “tradição como utopia crítica”³³. Ele compreende a tradição como aberta, não fechada. E a tradição como utopia tem como característica o combate à morte e ao pensamento fechado.

É importante situar o debate do filósofo moçambicano, ele não defende o não lugar, a ausência de paisagem e a retirada de qualquer arquipélago para pensar. Muito pelo contrário, seu pensamento filosófico parte do diálogo com as questões do seu país. Ele é territorializado em sua história. Em diálogo com Ngoenha: “A filosofia é vital, pois filosofa-se em função da emancipação. O problema será saber como servir-se da filosofia e transformá-la num instrumento, para nos

³² NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p. 106.

³³ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p. 107.

distanciarmos da nossa situação atual.³⁴”

As obras de Ngoenha trabalhadas neste artigo apresentam as questões do território do filósofo moçambicano, como por exemplo, a conquista da independência do território, mas falta disputar as liberdades políticas. No fluxo deste debate dos países africanos independentes, a crítica da crítica, outra perspectiva filosófica, procura inserir no debate a crítica aos próprios filósofos africanos.

A crítica da crítica se dá por causa do modelo de filosofar que segue em uma definição eurocêntrica da filosofia africana. A crítica da crítica busca fazer uma observação ao etnocentrismo filosófico ocidental. Além dessa corrente, crítica, Ngoenha apresenta também a hermenêutica, esta corrente filosófica é contrária à etnofilosofia. O filósofo que defende esta corrente deve se implicar na sua leitura da tradição, no intuito de pensar os seus problemas, não do passado, mas do presente. Portanto, a filosofia segundo Ngoenha³⁵.

[...] o que importa, doravante não é procurar uma filosofia africana, mas uma reflexão sobre a possibilidade de pensar filosoficamente a nossa realidade africana. A questão de saber se África tem ou não uma filosofia, deve ceder o lugar à questão de saber se a África tem necessidade ou não de possuir a sua própria filosofia. É formulando esta questão que o pensador africano fica no seu pleno direito de pensador, mas não necessariamente enquanto africano.

Os arquipélagos discursivos presentes nas perspectivas da filosofia africana, como apresentada por Ngoenha: negritude, panafricanismo, etnofilosofia, filosofia crítica ou filosofia hermenêutica apresentam a liberdade como busca de sentido. “[...] a liberdade do homem negro, condição da sua historicidade.”³⁶

O movimento do arquipélago grita e deseja a liberdade, tendo como condição necessária a afirmação da sua própria existência. A humanidade negra combatida é uma das primeiras guerras de imaginários a serem enfrentadas. E as perspectivas apresentadas tem como paisagem a libertação das opressões ao ser negro. A superação crítica e criativa do imaginário de objeto da história para sujeito histórico.

Ngoenha defende que a filosofia africana em sua variedade de perspectivas, em seus arquipélagos de produções de sentidos, tem em comum a busca da liberdade. A filosofia negro

³⁴ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p. 108.

³⁵ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p. 118-119.

³⁶ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p.121.

africana é um arquipélago de libertação. De acordo com esse autor³⁷:

A filosofia africana está, portanto, na linha da liberdade, da liberdade que já conquistámos, mas sobretudo da liberdade que devemos ainda conquistar e preservar, da liberdade da África, mas sobretudo da liberdade do africano. A África foi e situa-se como o continente da escravatura. Desta, passamos à submissão do colonizado pelo colonizador e, depois da eliminação oficial do facto colonial, passamos à submissão do pobre pelo rico.

O debate filosófico africano e diaspórico, a filosofia como arquipélago, percorre nas trilhas das libertações. A experiência do “abismo”, como afirma Édouard Glissant, e o referencio no início deste texto, traz para o entendimento de que a guerra de imaginário e o aniquilamento constante da existência negro-africana é a constatação do “[...] tormento daqueles que nunca saíram do abismo³⁸”. A busca por liberdade, neste caso, se configura como uma utopia para criar e disputar mundos.

A luta por liberdade nos arquipélagos negros, além da disputa de imaginários, reivindica o direito a existência, a ontologia. A afirmação do ser negro, africano, afrodescendente. A saída da ordem do não-ser da história, a descolonização do ser. A conquista de si mesmo, a liberdade de ser si mesmo com o outro. E esta busca por si mesmo se dar no fluxo e refluxo da força dos coletivos, dos movimentos. Em diálogo com Ângela Davis³⁹ no livro *A liberdade é uma luta constante*:

Você fala com frequência sobre o poder do coletivo e enfatiza a importância do movimento, em vez de falar sobre indivíduos. Como podemos construir tal movimento, baseado nessa ética, em uma sociedade que promove o egoísmo e o individualismo?

Desde a ascensão do capitalismo global e das ideologias associadas ao neoliberalismo, tornou-se particularmente importante identificar os perigos do individualismo. As lutas progressistas – centradas no racismo, na repressão, na pobreza ou em outras questões – estão fadadas ao fracasso se não tentarem desenvolver uma consciência sobre a insidiosa promoção do individualismo capitalista. Mesmo que Nelson Mandela tenha sempre insistido que suas realizações foram coletivas, conquistadas também por homens e mulheres que o acompanhavam, a mídia tentou alça-lo a herói. Um processo similar tentou dissociar Martin Luther King Jr. do imenso número de mulheres e homens que constituíram o verdadeiro cerne do movimento pela liberdade nos Estados Unidos em meados do século XX. É fundamental resistir à representação da história como o trabalho de

³⁷ NGOENHA, Severino. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014, p.121.

³⁸ GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Portugal: Porto Editora, 2011, p.11.

³⁹ DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018, p.19.

indivíduos heroicos, de maneira que as pessoas reconheçam hoje sua potencial agência como parte de uma comunidade de luta sempre em expansão.

A busca pela liberdade negra na diáspora é coletiva. A leitura de liberdade pelos antigos e modernos, na tradição europeia, à luz da leitura de Benjamin Constant⁴⁰, apresenta dicotomia entre a liberdade para os antigos, onde prevalece a vontade da maioria e o apagamento dos direitos individuais, e para os modernos, cuja liberdade individual é soberana. Na leitura do arquipélago de libertação, a liberdade não toma o caminho moderno nem o antigo. Ela segue a experiência traduzida por Davis, como apresentado anteriormente, e o entendimento da ética ubuntu, como compreendida por Wanderson Flor e Cristiane Fulgêncio⁴¹:

[...] fundamentalmente solidária: é necessário comover-se com uma situação precária que alguém passe e posicionar-se sobre isso. E longe de ser um gesto meramente altruísta, é uma postura de amor à totalidade da humanidade que habita em cada um dos existentes humanos; é um reconhecimento de que se há algo que precariza a vida de uma só pessoa, pode precarizar também a totalidade da humanidade, e normalmente o faz. É a busca da harmonia humana, radicalmente coletiva, que torna o ubuntu um princípio de justiça social.

Ainda existe a ideia do indivíduo, o reconhecimento de si, mas ligado a comunidade, existe um pertencimento ontológico ligado ao coletivo⁴². O paradigma liberdade como defendido no arquipélago da libertação reconhece a radicalidade da afirmação do qual Nascimento e Fulgêncio, no texto acima citado, defendem. Se por caso tiver uma existência em situação de precariedade, conseqüentemente a totalidade humana estará desarmônica. O arquipélago de libertação seria o encontro com a harmonia humana, que necessariamente deve ser coletivo.

CONCLUSÃO

A liberdade é um princípio o qual marca a trajetória do negro africano no continente e na diáspora. A leitura das perspectivas da filosofia africana, pelo filósofo moçambicano, evidencia que o grito por liberdade iniciado na diáspora ecoou com muita intensidade no território africano. E esta é uma das categorias que agenciam os desejos do continente e dos arquipélagos: libertação.

⁴⁰CONSTANT, Benjamin. *A liberdade dos antigos comparada à dos modernos*. Organização, estudo introdutório e tradução de Emerson Garcia.- São Paulo: Atlas, 2015.

⁴¹NASCIMENTO, Wanderson; FULGÊNCIO, Cristiane. *Bioética de intervenção e justiça: olhares desde o sul*, 2012, p.7.

⁴² Este é o entendimento de Magobe Ramose sobre a humanidade ubuntu.

O paradigma liberdade negra tem na sua história a disputa por independências dos seus países, a luta contra a escravidão, disputa por liberdade política, direito civil.

A liberdade é um princípio que não pode se ausentar. No tempo e no espaço onde não existe lugar para liberdade não tem espaço para vida. A luta por liberdade é a busca por vida. A crítica dos negros africanos pela retirada do “não ser” da história, da luta pela humanidade dos africanos tem como finalidade essa mesma busca. Portanto, a disputa por liberdade é o ecoar do grito por vida. Os arquipélagos de libertação reinventam a vida, pois a luta por liberdade, como diz Ângela David, “é uma luta constante”.

O arquipélago de libertação instaura a possibilidade de criação de liberdades por meio da paisagem e da lógica do lugar. Nas paisagens derivam poéticas, pois elas são espaços e territórios. No arquipélago preenchido de paisagem está a morada do imaginário. E neste sentido, o imaginário é uma das possibilidades para superar o abismo. A luta por liberdade é uma constante no território brasileiro, os grupos que atuam no imaginário da “política de morte” atuam na promoção da retirada de liberdade, mas em resposta às limitações impostas pela necropolítica, do outro lado dessa guerra de imaginários, na busca pela liberdade, tem os grupos que disputam o imaginário para reestabelecer a harmonia da humanidade. E para isso, é necessário sempre questionar, qual o seu papel nesse território e assim criar utopia para a manutenção de vida.

E para caminharmos livres é necessário regar nossos sonhos. Não abrir mão de construir as paisagens que nos mobiliza para o caminho de luta por liberdade. Como disse o filósofo Euclides Mance “se a filosofia é a expressão máxima de uma cultura, é necessário que essa filosofia seja a expressão da liberdade⁴³”.

Plantou um chão
Para dançarmos livres
Regou de versos nossos sonhos
Com seu ingoma inaudível
Incansável
Fez um país inteiro cantar⁴⁴

Referência

CONSTANT, Benjamin. *A liberdade dos antigos comparada à dos modernos*. Organização, estudo

⁴³ Afirmação proferida por Euclides Mance ao retratar o pensamento de Leopoldo Zea no Minicurso: Breve Histórico da Filosofia da Libertação: uma abordagem introdutória, ministrado durante o I Congresso Brasileiro de Filosofia da Libertação: “Perspectivas do Pensamento de Libertação no Brasil”. Organizada pelo Aprofessp e realizado em São Paulo, de 4 a 6 de Setembro de 2013

⁴⁴ ONAWALE, Lande. Poemas de um mar sem fim. In.: *Kalunga*. Salvador: Edição do autor, 2011, p.67.

- introdutório e tradução de Emerson Garcia.- São Paulo: Atlas, 2015.
- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Portugal: Porto Editora, 2011.
- _____. *Soleil de la Conscience*. França: Gallimard, 2015.
- JAMES, C.L.R. *Os Jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LIMEIRA, José Carlos. **Quilombos**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/784-jose-carlos-limeira-quilombos>. Acesso em: 22/10/2018.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- NGOENHA, Severino. *Os tempos da filosofia*. Filosofia e democracia moçambicana. Imprensa Universitária, UEM, Maputo, Moçambique, 2004.
- _____. *Filosofia Africana*. Das Independências às liberdades. Moçambique: Paulinas, 2014
- NASCIMENTO, Wanderson; FULGÊNCIO, Cristiane. Bioética de intervenção e justiça: olhares desde o sul, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/rbb/article/view/7776>. Acesso em: 23/10/2018.
- ONAWALE, Lande. *Kalunga*. Poemas de um mar sem fim. Salvador: Edição do autor, 2011.
- REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SEREQUEBERHAN, Tsenay. *Our Heritage*. The past in the presente of african-american and african existence. EUA: Rowman & Littlefiel publishers, INC, 2000.
- Towa, Marcien. *A ideia de uma filosofia negro-africana*. Belo Horizonte: Nandyala: Curitiba: NEAB-UFPR, 2015.

Luís Carlos Ferreira: Doutorando em Difusão do Conhecimento (UFBA); Mestre em Educação (UFBA); Graduado em Filosofia (UFBA); Membro do Grupo de Pesquisa RedeAfricanidades.

Eduardo David de Oliveira: Professor da FAGED/UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa RedeAfricanidades, Sócio-fundador do IPAD-Instituto de pesquisa da afrodescendência e sócio-fundador do IFIL - Instituto de Filosofia da Libertação e atualmente coordenador da Linha de Pesquisa Conhecimento e Cultura do Doutorado Multi-institucional, Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento.

Artigo recebido para publicação em: Outubro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Novembro de 2018.